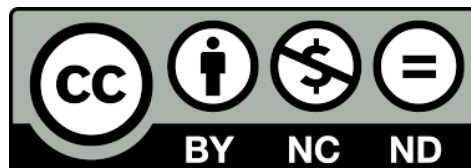
Falar, Sentir, Agir

A linguagem do educador

Falar, Sentir, Agir

A linguagem do educador

MACETE

Matemática, Artes, Ciêncos, Empreendedorismo, Tecnologia e Ética

PESQUISADORES Raiane Kelly Farias de Jesus Ribeiro

COORDENAÇÃO DO PROJETO Jéssica Oliveira Sá

REAPLICADORES

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO Raiane Kelly Farias de Jesus Ribeiro

REVISÃO Thelma Faria Barretto Dória

Realização:

Apoio:

Parceria:

Patrocínio:

Sumário

Introdução

Significados

Interações

Espelho

Apresentação

A linguagem é uma ferramenta poderosa na construção de relações e na promoção de um ambiente educacional inclusivo e respeitoso. Longe de ser apenas um meio de comunicação, a linguagem molda atitudes, comportamentos e percepções, influenciando diretamente a forma como os indivíduos constroem suas identidades e se relacionam uns com os outros.

As palavras têm o poder de influenciar percepções e, muitas vezes, carregam significados que, consciente ou inconscientemente, afetam a autoestima, a identidade e o bem-estar das pessoas ao nosso redor. Assim, a maneira como nos expressamos não apenas reflete, mas também constrói a realidade em que vivemos.

Diante disso, é essencial que educadores e profissionais da educação utilizem uma linguagem que valorize a diversidade e promova a inclusão. O objetivo deste material é fornecer orientações práticas para que esses profissionais possam adotar uma comunicação mais empática e consciente, evitando termos que estigmatizem ou perpetuem preconceitos.

Neste guia, você encontrará tabelas que apresentam palavras a serem evitadas, bem como suas alternativas respeitosas. Além disso, serão apresentados orientações e exemplos práticos que podem ser facilmente incorporados ao cotidiano escolar. Ao escolher um vocabulário que respeita as diferenças e valoriza a identidade de cada indivíduo, estamos contribuindo para a construção de um ambiente educacional mais justo, acolhedor e propício ao aprendizado. A mudança começa com a palavra. Vamos juntos transformar a forma como nos comunicamos e, por conseguinte, a maneira como educamos.

Por que a Linguagem Importa?

Na educação, a escolha do vocabulário utilizado não é apenas uma questão de comunicação, mas uma verdadeira arte que pode encorajar ou inibir a participação dos alunos, afetar sua autoestima e influenciar o modo como enxergam a si mesmos e aos outros. Quando usamos expressões que valorizam a dignidade e a singularidade de cada ser humano, estamos criando um ambiente onde todos se sentem respeitados e acolhidos, possibilitando o florescimento de seu verdadeiro potencial.

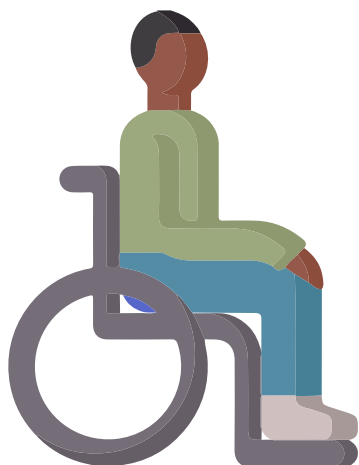
Cada palavra que pronunciamos ou escrevemos carrega uma vibração, uma qualidade que impacta não apenas o indivíduo que a recebe, mas também a coletividade. Ao optar por uma comunicação que reconhece e celebra a diversidade, contribuímos para a formação de um espaço educativo onde as crianças podem se desenvolver de maneira integral — mental, emocional e espiritual.

Cada criança é vista como um ser único em seu processo de desenvolvimento, com ritmos e necessidades distintas. Nesse contexto, a linguagem não é apenas um meio de comunicação; é uma ferramenta poderosa de educação que pode nutrir o desenvolvimento integral do ser.

Uma linguagem inadequada, por outro lado, pode reforçar estereótipos e preconceitos, reproduzindo atitudes discriminatórias e gerando sentimentos de exclusão. Assim, o uso consciente e respeitoso das palavras não é apenas um componente essencial na formação de educadores que desejam promover a inclusão e a equidade; é também uma prática que alimenta a alma da comunidade escolar, cultivando um clima de harmonia e colaboração.

Significados

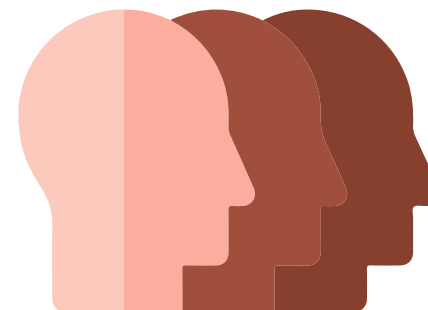
Neurodiversidade

Refere-se à diversidade natural das variações neurológicas entre as pessoas. Engloba diferentes maneiras de pensar, aprender e interagir com o mundo, incluindo condições como autismo, TDAH, dislexia e outras. O conceito valoriza essas diferenças como variações humanas, não comodeficiências a serem corrigidas. Promover a neurodiversidade é essencial para construir ambientes inclusivos, onde todos possam desenvolver suas habilidades e participar ativamente, reconhecendo que cada indivíduo contribui com perspectivas e talentos únicos.

Pessoas com Deficiência (PCD)

O termo Pessoa com Deficiência (PcD) refere-se a indivíduos que possuem limitações físicas, mentais ou sensoriais que dificulta a realização de atividades importantes na vida cotidiana. Isso abrange uma variedade de deficiências, como problemas de mobilidade, dificuldades visuais ou auditivas, questões cognitivas e condições de saúde mental. Para participar plenamente em diferentes aspectos da vida — seja em casa, na escola, no trabalho ou em momentos de lazer — essas pessoas podem precisar de equipamentos, ferramentas ou adaptações específicas.

3 Diversidade Racial

Refere-se à presença de uma ampla gama de grupos raciais em uma sociedade, onde especialmente no Brasil é presente por conta das características de sua colonização. Já o preconceito racial é uma atitude ou crença negativa a estes grupos, podendo envolver estereótipos e suposições que não encontram respaldo na realidade.

O preconceito racial pode se manifestar de várias formas, desde comportamentos claramente violentos e ofensas discriminatórias, ou até em formas mais sutis, como as microagressões, manifestando-se em piadas, utilização de vocabulários preconceituosos e cerceamento de possibilidades de determinado indivíduo por sua cor ou etnia.

Diversidade Territorial

Por vezes, um grupo ou indivíduo é alvo de preconceito contra sua a origem geográfica ou local de residência, sendo reproduzidos estereótipos, suposições e atitudes negativas com base em regiões, países ou cidades específicas. No Brasil, é comumente o preconceito contra nordestinos e nortistas, bem como contra pessoas oriundas de zonas rurais, ribeirinhas, quilombolas e indígenas, ganhando contornos ainda mais contrastantes no âmbito do trabalho.

Interações

Linguagem humanizada e inclusiva

A linguagem humanizada é aquela que coloca a pessoa no centro da comunicação, reconhecendo sua dignidade, singularidade e o seu potencial. Quando adotamos essa linguagem, estamos reconhecendo não apenas o que as crianças fazem ou aprendem, mas quem elas são em essência. Usar termos que afirmem sua individualidade e respeitem sua experiência de vida é fundamental para cultivar um senso de pertencimento e autoestima. Por exemplo, ao invés de rotular uma criança como "problema", podemos nos referir a ela como "alguém que está enfrentando desafios de aprendizado", colocando o foco na sua trajetória e no seu potencial de superação.

Além disso, essa perspectiva nos incentiva a adotar um olhar mais sensível e consciente sobre as interações humanas. A comunicação torna-se um ato de cuidado, onde cada palavra é escolhida com atenção, refletindo amor e respeito. Essa prática não só transforma as relações no ambiente escolar, mas também contribui para a formação de cidadãos mais empáticos e solidários.

A seguir, serão apresentadas algumas sugestões de como substituir expressões inadequadas por alternativas mais respeitosas:

1 Troque **Analfabeto** por **Pessoa com baixo letramento**

Evita a conotação negativa e estigmatizante da pessoa pelo nível de escolaridade.

2 Troque **Diferente / Com Problema** por **Pessoa com neurodiversidade**

Os termos "diferente" ou "com problema" carregam uma carga negativa e estigmatizante, sugerindo que a pessoa é inferior ou inadequada. Ao adotar o termo "pessoa com neurodiversidade", reconhecemos que há diferentes maneiras de vivenciar o mundo e processar informações, sem estabelecer comparações com um padrão considerado "normal". Essa escolha de palavras evita o preconceito e promove o respeito às diversas formas de expressão e desenvolvimento humano.

Ao colocar a pessoa em primeiro lugar, estamos promovendo não apenas a inclusão e o respeito, mas também a verdadeira essência do aprendizado: o desenvolvimento integral do ser humano.

3 Troque **Deficiente** por **Pessoa com deficiência**

Coloca a pessoa em primeiro lugar, enfatizando que a deficiência não a define e evita termos pejorativos e capacitistas.

4 Troque **Escravos** por **Pessoas escravizadas**

Reforça que a escravidão é uma condição imposta e não uma identidade. O termo mais adequado e atualizado é "pessoa escraviz da". Essa expressão coloca a pessoa em primeiro lugar, reconhecendo sua humanidade e individualidade antes da condição imposta de escravidão. O termo evita reduzir o indivíduo a uma identidade única e negativa e é aplicável a qualquer grupo que tenha sido submetido a essa condição, independentemente de etnia ou origem.

Se o contexto for específico para pessoas negras, pode-se usar "pessoas negras escravizadas", mas a ênfase deve sempre estar em "pessoas escravizadas" para humanizar e valorizar o sujeito antes de mencionar a condição ou a etnia.

5 Troque **Índio** por **Indígena ou povo indígena**

Termo mais respeitoso e inclusivo para referir-se aos povos originários do Brasil.

6 Troque **Mendigo / Morador de rua** por **Pessoa em situação de rua**

Linguagem mais humanizadora e que destaca a situação vivida.

7 Troque **Moreno(a)** por **Pessoa negra**

Evita a tentativa de embranquecimento e valorização de uma identidade que não corresponde à realidade racial.

Expressões do cotidiano

Diariamente, expressões e frases podem, de forma não intencional, reforçar preconceitos, estigmatizar ou diminuir a dignidade das pessoas com quem interagem. Por isso, é fundamental que educadores e profissionais da educação estejam atentos ao impacto de sua comunicação, buscando alternativas mais humanizadas que promovam respeito e inclusão.

1. Troque **"Essa criança é problemática, não para quieta."**
   por **"Essa criança está enfrentando alguns desafios de comportamento."**

   Evita rotular a criança de forma negativa e destaca que os desafios são temporários e superáveis.

2. Troque **"Ele não consegue aprender porque é muito lento."**
   por **"Ele tem um ritmo de aprendizado diferente."**

3. Troque **"Ele é um problema, vive distraído e nunca presta atenção na aula."**
   por **"Ele tem um jeito próprio de se concentrar e precisa de estratégias diferenciadas para engajá-lo nas atividades."**

4. Troque **"Ela é autista, por isso não consegue interagir como as outras crianças."**
   por **"Ela é uma criança com autismo e possui formas únicas de se comunicar e interagir com os outros."**

   As frases inadequadas rotulam a criança estigmatizando-a e reforçando uma visão negativa sobre seu comportamento e desempenho. Esse tipo de linguagem não leva em consideração as dificuldades específicas que a criança enfrenta nem oferece uma perspectiva construtiva para apoiar seu desenvolvimento.

5
6
7

Troque **“Ele não entende nada.”**

por **“Ele tem um ritmo próprio de aprendizado e podemos explorar novas formas de ensino para ajudá-lo.”**

Valoriza o potencial do aluno e abre possibilidades para buscar soluções.

Troque **“Esse lápis é cor de pele.”**

por **“Este lápis tem um tom que se aproxima de um tom de pele.”**

A frase correta evita generalizações sobre ‘cor de pele’, promovendo a diversidade.

Troque **“Ele é mendigo, vive na rua.”**

por **“Ele é uma pessoa em situação de rua.”**

Espelho

A Ética na Prática Pedagógica

A educação, segundo Edgar Morin, deve ser uma prática ética que transcende a simples transmissão de conhecimento. O educador, neste contexto, atua como espelho para as crianças, refletindo posturas de respeito, empatia e inclusão. A linguagem inclusiva, além de uma ferramenta de comunicação, é um reflexo dos valores éticos que moldam o ambiente escolar.

Com essa perspectiva, o projeto MACETE vai além do ensino de conteúdos acadêmicos, focando na formação de cidadãos éticos, conscientes e respeitosos com a diversidade. A metodologia precisa ser plenamente compreendida por vocês, reaplicadores e educadores, que atuarão diretamente com os alunos do 1º ao 5º ano — uma fase crucial para o estabelecimento das bases do desenvolvimento moral e social. Nesse período, por meio de exemplos diários, vocês têm a oportunidade de transmitir, por suas ações, a importância da empatia, do respeito e da valorização das diferenças.

Portanto, o reaplicador, no contexto da implementação de tecnologias sociais no ambiente educacional, assume um papel central não apenas como mediador de conteúdo, mas como um exemplo vivo de ética. Seu comportamento, postura e escolhas diárias influenciam profundamente tanto os professores quanto os alunos. Ao demonstrar respeito, empatia e consideração por todos os envolvidos, ele ajuda a construir um ambiente onde a diversidade é reconhecida e valorizada.

É preciso estar ciente de sua responsabilidade e agir com consciência ética em todas as suas interações. Isso envolve uma reflexão contínua sobre suas ações, sua linguagem e a busca por melhorias constantes, não apenas em termos de habilidades pedagógicas, mas também em sua postura ética e relacional.

Reconhecer que cada criança traz consigo um conjunto único de experiências e habilidades te exige uma postura reflexiva e aberta. Nesse processo, não apenas se ensina, mas também se aprende com os alunos, enriquecendo o ambiente escolar com um ciclo contínuo de aprendizado mútuo.

Espelhando Valores

Para que a ética se torne uma prática constante no cotidiano escolar, é imprescindível que professores e reaplicadores vivam aquilo que ensinam. O respeito às crianças, a criação de um ambiente seguro e o uso de uma linguagem inclusiva e respeitosa são práticas fundamentais que ensinam, de forma implícita, os valores éticos que desejamos ver refletidos nos alunos.

As crianças, ao observar as atitudes éticas, tendem a replicar esses comportamentos em suas interações sociais. Diante de situações de preconceito ou discriminação, o reaplicador e educador têm a oportunidade de transformar esses momentos em lições sobre o respeito e a empatia. Essas discussões, enraizadas em experiências cotidianas, são essenciais para consolidar uma cultura escolar que valoriza a inclusão e a diversidade.

A prática pedagógica é, em sua essência, uma prática ética. O reaplicador da metodologia MACETE, ao atuar como exemplo de conduta ética, desempenha um papel crucial na construção de um ambiente escolar inclusivo, respeitoso e diversificado. Através dessa prática ética diária, torna-se possível formar crianças que, no futuro, se tornarão cidadãos conscientes, empáticos e preparados para enfrentar os desafios do mundo com responsabilidade e respeito aos outros.

Referências Bibliográficas

BRASIL.

Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) – Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

Acesso em: 01 out. 2024.

UNESCO.

Educação Inclusiva: o caminho para o futuro. Relatório de educação. Paris: Unesco, 2009. Disponível em:

https://unesdoc.unesco.org/. Acesso em: 01 out. 2024.

MORIN, Edgar.

Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

THE HUMAN PROJECT.

Documentos Institucionais. Disponível em:

https://www.thehumanproject.org.br/documentos-institucionais?folderId=01Q6YLKNXUT7QHRLK2KBEZMJJR2DZHZEI5.

Acesso em: 01 out. 2024.

Realização:

Apoio:

FMDCA

Parceria:

Patrocínio: